

Autorias, autoridades e autoritarismos

Harley E. A. Bicas

Editor Científico dos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia

A grande quantidade de manifestações de apoio aos comentários contidos no Editorial sobre “Co-autorias”, publicado no mais recente número 4 dos “Arquivos”, é encorajadora ao mostrar atenção e receptividade a um tema que, à primeira vista, parece apenas de interesse editorial ou acadêmico. É bem possível que boa parte da “maioria silenciosa” também esteja de acordo com as idéias ali difundidas e não se manifestou sobre o assunto, por não achar necessidade disso; mas é bem provável que outros, indiferentes ao tema, não se tenham dado conta de que a tendência à proliferação de co-autores, num artigo científico, reflete uma característica mais geral e que, indiretamente, acaba também por atingi-los.

Maior número de autores num trabalho pode, sem dúvida significar a complexidade dele, ou a diversidade de seus aspectos, representando, então uma associação inteligente de membros da comunidade científica, no sentido de abordar o problema e achar suas soluções. Seria tolo negar essa possibilidade, ou deixar de aceitá-la. Associações, aliás, são inerentes ao nosso espírito gregário, mas nem todo grupo constituído contribui para a elevação da sociedade humana. Às vezes a ameaçam, quando os critérios éticos se dissolvem.

Agora, voltamos ao tema para completá-lo em novas facetas. Por exemplo: quem deve ser o “autor”(principal) de um trabalho? Conversando com um colega da área básica, fiquei surpreso ao receber a resposta de que, nela, o “chefe de equipe” tinha, frequentemente, seu nome em **último** lugar. Ora, suponho tratar-se de uma confusão: a regra acadêmica continua sendo a de privilegiar o **primeiro** de uma lista, tanto que para abreviá-la é costume citar-se apenas como responsável pelo trabalho esse nome inicial, seguido de “et al.” (“et alii”, e outros). Ao contrário, a “modéstia” de figurar em último pode significar o despotismo de participar do trabalho apenas por coordenar atividades (outras) da equipe, chefiar um Departamento ou serviço, etc., condição já antes reprovada. Não deixa, contudo, de haver “modéstia”, pois se sabe que em alguns casos esse autoritarismo chega ao ponto de constranger os verdadeiros autores a postos de co-autoria, em favor do “big boss” em primeiro lugar...

Pode um aluno ser autor de um artigo científico? Em princípio, claro que sim: gênios às vezes aparecem. Suponho, até, que nossa época seja, para isso, mais favorável que outras: alimentando cérebros com um vertiginoso crescimento de informações, possibilitando-lhes interrelações, velozes e em qualidades novas. A diversificação enorme do conhecimento científico, por outro lado, exige que as descobertas

ocorram em nichos cada vez mais escondidos, dependentes de tecnologia sofisticada, cujo manejo, este sim, exige treinamento, vivência, tempo, experiência, paciência, sabedoria (não confundir com conhecimento). Isto, necessariamente, afasta um iniciante do pleno uso das capacitações experimentais. De fato, a Oftalmologia, por exemplo, é entre nós uma especialidade médica relativamente recente, cujo aprendizado específico começou a ser feito em estágios, depois institucionalizados numa “residência”, que passou de um a dois anos, depois a três e já chega a quatro (sem falar nos sistemas de pós-graduação em sentido estrito do termo, como há no Brasil). Que sobra da especialidade ao aluno de Medicina, com seus cursos que se limitam a informações genéricas, mas superficiais, pelas necessidades das dos períodos acadêmicos? Que lhe sobra em tempo e espaço, se quiser competir com Residentes pelo aprendizado prático? Quando poderá ter a atenção de um Professor, e quanto dela, assoberbada e dividida entre tantas outras solicitações? A resposta, à primeira vista, seria de que a sina do aluno de graduação é ficar cada vez mais marginalizado no processo de aquisição de conhecimentos da especialidade. E no entanto, surpresa! Em levantamento recentemente publicado¹, eles surgem como **autores principais** de trabalhos oftalmológicos. Não como “meros” co-autores, condição já por si muito curiosa (pois é provável que na maioria dos casos merecessem agradecimentos, mas não responsabilidades na ideação, materialização, execução, discussão, conclusão e corporificação de um trabalho). Difícil crer na visão abrangente que lhes permita detectar lacunas na tessitura do conhecimento especializado e propor investigações. Difícil admitir que lhes sejam outorgados acessos independentes a instrumentos e procedimentos muito sofisticados na metodologia do trabalho. Difícil pensar que tenham capacitações suficientes para discutir em bom nível o conjunto de resultados obtidos. Difícil, enfim, entender como possam ainda verdes, comandar toda uma equipe de gente que (tudo indica) seja mais experiente. Ou como possam ser independentes e produzir, sós, atendimentos complexos. Possível? Claro! Mas como exceção, não como regra. A regra nos impõe o dever de refletir sobre o que está acontecendo e formular hipóteses para explicar o fenômeno.

De uma série delas, a mais provável é a de que a maior quantidade de autorias (e co-autorias) de alunos de **graduação** em artigos de Oftalmologia represente os esforços de melhoria de seus “curricula”, para as selvagens disputas por

pontos de Residência. Mas ainda que detectada a causa, permanece sem resposta a consequência: como conseguem essa façanha de publicar tanto? De onde lhes deriva a autoridade científica? Já se vê: um assunto puxa outro...

Pode um Residente ser autor de um trabalho científico? Sem dúvida! O problema é que os números do artigo¹ sugerem que serão eles os que vão assinar, logo, a maioria dos trabalhos, em primeiro lugar... Eram, na década de 50, zero; 1,6% na de 60; 5,7% na de 70; 11,6% na de 80 e 15,5% na de 90. Aliás, nas três primeiras décadas do levantamento, os residentes apareceram em quatro trabalhos como autores principais e em quatro como co-autores. Nenhum acadêmico. Nas duas seguintes, os Residentes apareceram com 66 autorias e 101 co-autorias, enquanto os acadêmicos tinham, respectivamente, 3 e 25. Se são trabalhos de pesquisa (pura ou aplicada) algo está errado com o sistema de pós-graduação

“propriamente dito” que, supostamente, **iniciaria** interessados nessa difícil arte de fazer a ciência progredir. Seria ele supérfluo? Ou algo está errado com o ensino de nossas Residências, em que a ênfase ao **treinamento** prático e abrangente estaria sendo substituída pela ênfase à teoria e ao aprofundamento em tópicos de “produção científica” (metodologia, epistemologia, axiologia etc.). Estaria ela desviada de propósitos? Ou, enfim, há algo falho no que toca ao próprio conteúdo e significados das publicações?

Não são perguntas que merecem respostas?

¹⁾ DAMASCENO E F, BASTOS C C X, BOTELHO L A, FERNANDES S M - Análise de publicações em oftalmologia nos últimos 40 anos. Avaliação dos artigos originais da Revista Brasileira de Oftalmologia e dos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia de 1952 a 1994. *Rev. Bras. Oftalmol.*, 55:603-608 (1996).



T & M Equipamentos Médicos Ltda.

Av. Prestes Maia, 241 - 8º andar - salas 815/ 817
CEP 01031 - 001 - São Paulo - SP

Responsáveis: Miguel Toro Aguilar e Antônio Paulo Moreira

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL DAS EMPRESAS:

- **MARCO OPHTHALMIC INC. - USA**
Lâmpadas de fenda - Refractor - Ceratômetro -
Lensômetro - Microscópios cirúrgicos - Perímetros
Yag Laser e Auto perímetro
- **SONOMED INC. - USA**
Completa linha de ultrassons para oftalmologia:
Biômetros - Egógrafo e Paquímetro
- **KONAN CAMERA RESEARCH - JAPAN**
Microscópios cirúrgicos - Microscópio Spec ular
e Cell Analysis System
- **EAGLE - Lentes intraoculares**

DISTRIBUIDORES PARA O BRASIL:

- **HGM - MEDICAL LASER SYSTEMS**
Completa linha de Argon Laser e Yag Laser
- **NIKON OPHTHALMIC INSTRUMENTS**
Auto-refrator - Camera retinal - Tonômetro de
aplanção e demais equipamentos oftalmológicos
- **WELCH ALLYN**
Retinoscópios - Oftalmoscópios - etc.

NACIONAIS:

- **XENÔNIO**
- **SIOM**

**NOVOS
TELEFONES**

Assistência Técnica: completa para os equipamentos das empresas representadas.

Solicite atendimento ou informações:

São Paulo: T & M - tel.: (011) 229-0304 - Fax: (011) 229-6437

Disk Lentes - tels.: (011) 228-5122 / 228-5448

Ribeirão Preto: Disk Lentes - tel.: (016) 635-2943 - Fax: (016) 636-4282